



Alcenir de Sousa Luz¹

RESUMO

O crescente avanço tecnológico tem desencadeado a “sociedade da informação”. Logo, participando de um processo evolutivo, acredita-se que os sujeitos inseridos em tal sociedade tiveram seus estilos de vida modificados, em função das alterações econômicas, sociais, políticas e culturais apontadas pela globalização. Diante dessa realidade, tratando-se de educação, surge uma indagação: o papel/a postura do professor mudou? Então, a fim de refletir sobre o contexto e a problemática citada, este estudo faz uma abordagem exploratória, de caráter bibliográfico sobre a atual conjuntura educacional, discutindo a respeito da postura do professor na contemporaneidade, que inclui uma nova forma de ensinar e de aprender. Levando em consideração todas as reflexões despertadas neste trabalho, percebe-se que o papel/a postura do professor foi modificado/a, já que o público-alvo exige a reformulação de métodos, técnicas, instrumentos e recursos, desde a interação linguística professor-aluno, até a utilização de novas tecnologias. Essa nova forma de ensinar e de aprender é resultado do estilo dos novos alunos, os quais não se sentem motivados pela exposição tradicional de conteúdos. Portanto, ser educador na atualidade é compartilhar um novo paradigma, uma nova postura diante do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Professor. Mudança Social. Novas tecnologias.

ABSTRACT

The growing technological advancement has triggered the “information society.”. Thus, participating in an evolutionary process, it is believed that the subjects inserted in such a society had changed their lifestyles, due to the economic, social, political, and cultural changes indicated by globalization. Given this reality, in the case of education, a question arises: the role / lecture'posture changed? So, in order to reflect on the context and the cited problems, this study do an exploratory approach, bibliographic character on the current educational climate, arguing about lecture'posture nowadays, which includes a new way of teaching and learning. Taking into account all the reflections aroused in this work, it is realized that the role / lecture'posture was modified / a, since the target audience requires the reformulation of methods, techniques, tools, and resources, from linguistic interaction teacher-student, to the use of new technologies. This new way of teaching and learning is result of the style of new students who are not motivated by the traditional exhibition content. So, being an educator today is to share a new paradigm, a new attitude toward the teaching-learning process.

Keywords: Teacher. Social Change. New technology.

¹ Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, pelo Centro Universitário UNINTER; Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7742761039366809>



1 INTRODUÇÃO

A educação de uma forma geral, mais especificamente as figuras que a constituem (professor, aluno, família, etc.), está sendo modificada ao longo dos anos, desde o que diz respeito a normas e valores, até questões mais didáticas, como os métodos e os recursos de ensino. A contemporaneidade impulsionou uma nova forma de ensinar e de aprender. Ser professor atualmente exige o domínio de novas metodologias, técnicas e instrumentos.

Conforme Alda (2012, p. 2),

a educação e o sistema educativo sofreram grandes mudanças nos últimos tempos. A partir do século XX, os avanços tecnológicos popularizaram o acesso à informação, modificando a maneira como vivemos e, conseqüentemente, a maneira como aprendemos. A nossa sociedade, atualmente, está em rede; e isso provocou mudanças marcantes. A aprendizagem não é mais individual, mas sim coletiva. O conhecimento é construído em grupo e incontestavelmente está mais acessível.

Diante desse contexto, surgem os seguintes questionamentos: qual o papel do professor perante as novas tecnologias aplicadas à educação? Tais recursos minimizam o valor do conteúdo transmitido pelo professor, isto é, da aula? Com que intuito essas tecnologias são utilizadas em sala de aula? A partir de todas essas indagações, surge a principal variável da problemática: o papel/a postura do professor mudou?

A realização deste estudo parte da necessidade de refletir e despertar novas reflexões sobre a conjuntura que envolve os autores do processo de ensino-aprendizagem no ambiente da sala de aula. Investigar e discutir sobre esse assunto é pertinente, ao passo que fornece uma amostragem da atual realidade que professores e alunos vivenciam no âmbito escolar em decorrência da evolução dos tempos, que tem desencadeado a “sociedade da informação.”.

Almeja-se refletir sobre o atual papel do professor diante das novas tecnologias aplicadas à educação. Propondo-se também a, nesse contexto, fazer uma breve exposição de caráter evolutivo acerca da figura/postura do professor.

No que concerne à metodologia do trabalho científico, quanto aos objetivos da pesquisa, desenvolveu-se um estudo exploratório, que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses (GIL, 2007). A partir desse ponto, direcionou-se o foco do trabalho para o levantamento bibliográfico, sugerido por Gil (2007), adotando assim, como procedimento metodológico, a

pesquisa de cunho bibliográfico, na qual se utilizou de estudos já realizados a respeito do tema explorado para obtenção de embasamento teórico.

Deste modo, o referido estudo perpassará as abordagens de Abreu (2002), Alda (2012), Demo (2011), Faria (2004), Ferreira (2001), Ferreira e Souza (2010), Gil (2007), Gomes (2013), Leffa (2006), Moran (2004; 2007), Papert (1994), Sousa (s/d) e Santos (2010), que serviram de fundamentação teórica para o desenvolvimento deste trabalho.

2 A EVOLUÇÃO DO PAPEL/DA POSTURA DO PROFESSOR MEDIANTE AS MUDANÇAS SOCIAIS

Conforme o minidicionário Aurélio, professor é “aquele que ensina uma ciência, arte, técnica; mestre.” (FERREIRA, 2001, p. 559). Sendo assim, em sentido lato, o papel de professor vem sendo desempenhado desde as civilizações antigas, como mostra Ranier Sousa, em seu artigo “o professor ao longo do tempo.”.

O artigo citado traz uma abordagem sobre a função de ensinar desde o Antigo Egito até meados do século XIX, no Brasil. Atente-se:

No **Antigo Egito**, a função de escriba era preservada pela constituição de escolas reais que preparavam o indivíduo para dominar a técnica de ensinar. Entre os **espartanos**, a educação [...] se preocupava com o aprimoramento das habilidades físicas do indivíduo, [a fim de] fazer com que os homens estivessem prontos para a guerra e as mulheres aptas para gerar crianças saudáveis, [por isso] cada criança [tinha] um tutor. Em **Atenas**, a educação contou com três tipos básicos de profissionais do ensino: os *páidotribés*, que cuidavam do desenvolvimento intelectual; os *grammatistés*, responsáveis pelo repasse da escrita e da leitura; e os *kitharistés*, que cuidavam do aprimoramento físico. Na **Roma Antiga**, o papel de educar foi desempenhado pelos retores, que circulavam pelas cidades ensinando o que sabiam em troca de alguma compensação financeira. Além disso, pode-se citar a presença dos *lud magister*, que desempenhavam a função de alfabetizar as crianças que não tinham uma condição material mais abastada. Na **Baixa Idade Média**, houve a constituição das primeiras universidades. Até o século XIX, nenhum curso era elaborado com o objetivo de se formar professores. A profissionalização do educador brasileiro começou a ser desenhada em 1835, quando a primeira escola de educadores foi criada na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, **Brasil**. (grifos nossos, com adaptações) (SOUZA, s/d).

No decorrer deste estudo, pretende-se evidenciar como o papel do professor foi modificado ao longo dos anos e que competências e habilidades foram desenvolvidas ou aperfeiçoadas em função das transformações sociais.

Conforme Alda (2012, p. 2),

anteriormente, o professor era o único participante ativo da sala de aula; aquele que detinha o conhecimento e que transmitia para os alunos todo o seu estudo e sabedoria de forma linear, passando apenas do professor para os alunos, sem grandes reflexões ou visão crítica dos conteúdos. A educação tradicional era centrada no professor, fundamentalmente baseada em texto e excessivamente expositiva. Porém, a nova geração está acostumada a agir, em vez de passivamente assistir. Com a evolução das tecnologias e da sociedade, além das oportunidades de aprendizagem, os alunos também mudaram. Os alunos hoje são diferentes, e por isso, a era tecnológica necessita de um sistema educacional reformulado voltado para esses novos alunos, os ‘nativos digitais.’.

A respeito dos “nativos digitais”, é pertinente mencionar uma pesquisa realizada pela União Internacional das Telecomunicações (UIT), órgão da ONU, que foi divulgada recentemente pelo jornal online G1. O estudo “Medindo a Sociedade da Informação” aponta o Brasil como o país que possui a quarta maior população do mundo de “nativos digitais”, ficando abaixo apenas da China, dos Estados Unidos e da Índia. São enquadrados nessa terminologia, jovens entre 15 e 24 anos que já possuem experiência de conexão à internet de pelo menos cinco anos, ou seja, aqueles que cresceram acompanhando de perto a expansão da internet e estão acostumados às muitas mudanças trazidas pela web (GOMES, 2013).

Retomando a citação de Alda (2012, p. 2), percebe-se que o ensino tradicional estava centrado em uma transmissão de via única, isto é, não havia interação entre professor e aluno, sem *feedback*, uma espécie de monólogo. Contudo, atualmente, a sociedade formou novos sujeitos e, portanto, novos alunos. Estes, por sua vez, demandam novos professores, que assumam uma postura diferenciada diante do processo de ensino-aprendizagem, partindo dos métodos, pois o público-alvo exige que o conhecimento chegue até ele de forma dinâmica, interativa e inovadora.

Em consonância com Faria (2014, p. 61), isso implica dizer que

o professor passa da escola centrada nos conhecimentos, onde o Mestre tem domínio absoluto do que está propondo, para uma visão de professor que, ao construir o conhecimento junto com seus alunos, questiona, duvida, enfrenta conflitos, contradições e divergências, enriquecendo tais ações pelo apoio na tecnologia.

É importante ressaltar que subjacente às atitudes do professor, está a sua formação, pois é a partir da apreensão de conhecimentos teórico-práticos disseminados no processo de formação para o exercício do magistério que o professor fundamenta suas ações, enquanto profissional crítico atuante na sala de aula.

A partir dos anos 90 houve, o que se pode considerar, uma revolução tecnológica, pois o homem passou a investir cada vez mais no desenvolvimento de produtos e aplicativos avançados que, diga-se de passagem, ocupam gradativamente menos espaço físico e aceleram o processo de comunicação entre o mundo através da internet. Em decorrência disso, surgiu a “sociedade da informação”².

“Diante destes inovadores recursos tecnológicos da informação, a escola perdeu seu espaço como única transmissora de informação e necessita, urgentemente, **fazer uso da linguagem audiovisual para tornar a aprendizagem algo interessante para os alunos.**” (grifo nosso) (FERREIRA; SOUZA, 2010, p. 170). Esta última parte, que está em destaque, permite que se faça uma inferência ao fato que, atualmente, o professor que se mostrar resistente ao fazer uso dos recursos tecnológicos pode enfrentar grandes dificuldades em ministrar aula devido à desmotivação dos alunos, os quais não se sentem atraídos pelo tradicionalismo.

Sobre essa tentativa de reter a atenção dos alunos, Abreu (2002, p. 6) esclarece que

[...] estamos presenciando o esgotamento do modelo escolar que trabalha exclusivamente com a linguagem oral e escrita. Este paradigma, que sistematiza o conhecimento, encontra grande dificuldade para dialogar com as novas gerações da cultura digital e audiovisual. No entanto, não podemos simplesmente descartar, em definitivo, a cultura do livro de nossas escolas. É preciso interagir, mixar, ou seja, estabelecer uma nova sinergia entre a linguagem audiovisual, a codificação digital e a cultura do impresso.

É por esses fatores que o educador da contemporaneidade tem que preparar cada aula da mesma forma que um artista planeja seu espetáculo, pensando minuciosamente em cada detalhe que faça a diferença, pois os discentes não aceitam mais serem simplesmente receptores, passivos e nem colaboram mais com a inalterabilidade.

Um professor que fala bem, que conta histórias interessantes, que se adapta às circunstâncias, que sabe jogar com as metáforas, o humor, que usa as tecnologias adequadamente, sem dúvida consegue bons resultados com os alunos. Os alunos gostam de um **professor que os surpreenda**, que traga novidades, que varie suas técnicas e métodos de organizar o processo de ensino-aprendizagem (MORAN, 2007, p. 80) (grifo do autor).

² É importante mencionar que o termo “sociedade de informação” está sendo utilizado seguindo uma concepção de Abreu (2002, p. 1), que se refere “a emergência das mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e culturais, que experimentamos desde a última parte do século XX.”

Moran, no ano de 2004, dedicou uma parte do seu artigo “Perspectivas (virtuais) para a educação” à abordagem sobre “o professor do futuro próximo.”. No referido estudo, Moran diz que:

Vejo o professor do futuro como alguém que poderá estar vinculado a uma instituição predominantemente, mas não exclusivamente. Participará de inúmeros momentos de cursos em outras organizações, de orientação de pesquisas em diferentes lugares e níveis. Desde qualquer lugar poderá conectar-se com seus alunos, vê-los e falar com eles. [...] O professor será multitarefa.

Considerando o exposto pelo autor, observa-se que esse “futuro” já chegou, afinal o professor hoje é um profissional multitarefas e vale ressaltar que exerce essas inúmeras tarefas, muitas vezes, em escolas diferentes, com jornada de trabalho excedente, tudo isso para obter uma boa remuneração ao final do mês. Quando se mencionam posturas tradicionais do professor, logo se remete também aos recursos utilizados por este em sala de aula. Antigamente, a exposição (clássica) de um conteúdo se dava por meio da utilização de um quadro negro e um giz. Atualmente, esses recursos foram substituídos por novas tecnologias, podendo mencionar, nesse contexto, desde o uso do datashow, passando pela lousa interativa, até a sala de aula virtual, por exemplo, de onde o professor ministra sua aula através de um computador conectado a internet, o que está favorecendo e expandindo a viabilidade e a qualidade da Educação a Distância.

No que concerne a essa mudança, Valente (1999 apud FARIA, 2004, p. 57) menciona que se trata

de uma inovação pedagógica fundamentada no construtivismo sócio interacionista que, com os recursos da informática, levará o educador a ter muito mais oportunidade de compreender os processos mentais, os conceitos e as estratégias utilizadas pelo aluno e, com esse conhecimento, mediar e contribuir de maneira mais efetiva nesse processo de construção do conhecimento. [...]

Faria (2004, p. 57) continua a discussão ponderando que:

Nessa proposta pedagógica, torna-se cada vez menor a utilização do quadro-negro, do livro-texto e do professor conteudista, enquanto aumenta a aplicação de novas tecnologias. Elas se caracterizam pela interatividade, não-linearidade na aprendizagem [...] Não se trata, porém, de substituir o livro pelo texto tecnológico, a fala do docente e os recursos tradicionais pelo fascínio das novas tecnologias. Não se pode esquecer que os mais poderosos e autênticos ‘recursos’ da aprendizagem continuam sendo o professor e o aluno [...].

Contudo, busca-se uma reflexão: os professores da atualidade dominam as novas tecnologias? Há a possibilidade de, com a evolução das novas tecnologias aplicadas à educação, os professores serem substituídos pelas máquinas?

Em relação à primeira indagação, é fato que os professores, geralmente, não dominam os novos recursos tecnológicos com a mesma habilidade ou naturalidade dos seus alunos, os quais terminam ensinando os próprios professores a manusear tais tecnologias, afinal os alunos é que são “nativos digitais”, como afirma Alda (2012). O grande problema diante desse fato é que “professores analfabetos digitais vão ficando naturalmente para trás, porque se colocam fora do tempo. Perdem a chance de ‘educar.’” (SHERIDAN; INMAN, 2010 apud DEMO, 2011, p. 9).

É impressionante o quanto pessoas tão habilidosas e capacitadas em uma determinada área (por exemplo, a área em que exercem a docência), demonstram serem leigos diante dos novos recursos tecnológicos. Essa realidade é perceptível quando se participa de cursos, capacitações, treinamentos e outros momentos pedagógicos.

Essa situacionalidade aqui evidenciada remete a uma espécie de distanciamento intelectual entre professor e aluno, o que causa, muitas vezes, receio ao profissional, como bem coloca Demo (2011, p. 9), afirmando que,

em parte, tememos esta geração, em especial porque pode nos suplantear em termos de fluência tecnológica. Tememos também porque o ambiente da web 2.0 tem a potencialidade de esvaziar o argumento de autoridade (em particular a aula instrucionista). Público cativo na escola e universidade vai se tornando aberração. Para estarmos à altura da nova geração, é imprescindível mudar o professor, em primeiro lugar. Este não é descartado. Muito ao contrário, o professor socrático é protagonista crucial desta quadra histórica.

Diante do segundo questionamento acima realizado, acredita-se que o computador é um instrumento de grande importância no processo de ensino-aprendizagem, contudo não substitui o professor, porque até mesmo na Educação a Distância há a necessidade de um Tutor para mediar a interação entre os discentes e os professores por meio do uso de tecnologias de comunicação. Isso mostra que o contato entre aluno e professor sempre deverá existir (mesmo que seja através das máquinas) para o bom desenvolvimento da atividade de ensinar e de aprender, pois uma máquina, por si só, ainda não é capaz de esclarecer dúvidas, nem de proporcionar um *feedback* a um grupo de alunos.

Nesse contexto, entra-se em consonância com um pensamento de Leffa (2006, p. 13), quando o autor afirma que:

O computador tem provocado muitos debates e gerado inúmeros trabalhos na área do ensino de línguas, mas, apesar de sua complexidade, a ideia que prevalece na área é de que ele seja visto apenas como um instrumento. O computador não substitui nem o professor nem o livro. Tem características próprias, com grande potencialidade e muitas limitações, que o professor precisa conhecer e dominar para usá-lo de modo adequado, como um componente da complexa atividade de ensinar e aprender uma língua.

Faria (2004, p. 60) também reforça essa ideia, enfatizando que

as tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter ‘medo’ de serem substituídos pela tecnologia, como também não precisam concorrer com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia. Eles têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades. O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno.

O professor da atualidade deve ser adepto da concepção de educação continuada, isto é, procurar, mesmo diante de muitos obstáculos, fazer cursos que lhe ofereçam informações pertinentes e atuais sobre o novo contexto educacional, envolvendo as vertentes da pesquisa, do ensino, da inclusão digital e social, do uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), entre outros. “É evidente que os professores necessitam acompanhar as mudanças a fim de adaptar-se.” (ALDA, 2012, p. 4).

As redes (federal, estaduais e municipais) estão investindo cada vez mais em tecnologias de informação e comunicação nas escolas, através de materiais e de cursos para os professores, a exemplo do Proinfo (este é caracterizado adiante), contudo muitos educadores ainda não dominam os recursos, até porque ainda demonstram resistência em abandonar os métodos tradicionais e se adequarem à nova realidade; ou utilizam os recursos superficialmente, demonstrando pouca preparação e criticidade com relação a influência dos mesmos para o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Papert (1994, p. 70), “muito mais do que ‘treinamento,’ é necessário que os professores desenvolvam a habilidade de beneficiarem-se da presença dos computadores e de levarem este benefício para seus alunos.”.

O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico das tecnologias de informática e comunicações (TIC) na rede pública de ensino fundamental e médio. O MEC compra, distribui e instala laboratórios de informática nas

escolas públicas de educação básica que ainda não tem laboratório. Em contrapartida, os governos locais (prefeituras e governos estaduais) devem providenciar a infraestrutura das escolas, indispensável para que elas recebam os computadores. Deste modo, através do Ambiente Colaborativo de Aprendizagem (e-Proinfo) – um ambiente virtual – a escola como um todo pode desenvolver diversos tipos de ações, como cursos a distância, complemento a cursos presenciais, projetos de pesquisa, projetos colaborativos e diversas outras formas de apoio a distância e ao processo ensino-aprendizagem.

Por isso, almeja-se que os profissionais da educação se empenhem e se interessem pelo aprendizado da utilização dos recursos que o meio escolar oferece, pois assim professores e alunos serão beneficiados no atual processo de ensino-aprendizagem. Sendo que,

a tecnologia facilita a transmissão da informação, mas o papel do professor continua sendo fundamental na escolha e correta utilização da tecnologia, dos softwares e seus aplicativos para auxiliar o aluno a resolver problemas e realizar tarefas que exijam raciocínio e reflexão (FARIA, 2004, p. 58).

Conforme Moran (2007), educar em uma sociedade que sofre mudanças rápidas e profundas nos obriga a reaprender a forma de ensinar e a de aprender.

Pode-se afirmar que houve uma transformação da figura/postura do professor, que antigamente era aquele que detinha o conhecimento e o transmitia de forma expositiva, tradicional. O professor da atualidade continua tendo a necessidade de dominar o conteúdo, porém, não é apenas para expor o que sabe, mas sim para, de forma diferenciada, construir conhecimento junto com seus alunos, proporcionar o diálogo e a troca de informações.

É importante ressaltar que não se objetiva nesse trabalho atribuir menor valor/importância a postura, nem aos métodos, muito menos aos recursos tradicionais utilizados. Deseja-se apenas evidenciar que a realidade da sala de aula avança concomitantemente à realidade externa, ou seja, fora da escola, no meio social, por isso, a didática utilizada outrora pode não ser mais tão atrativa para os alunos, nem eficaz para o processo de ensino-aprendizagem, em função disso deve ser adaptada. A este respeito Ferreira e Souza (2010, p. 167) se colocam:

É possível utilizar os novos instrumentos tecnológicos para ensinar velhos conteúdos e ensinar novos conteúdos com velhos recursos, pois não se trata aqui de abandonar todos os recursos até hoje utilizados e substituí-los pelos mais modernos, mas extrair destes novos recursos tecnológicos todo o potencial que possuem para auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem dos educandos.

Retomando um pouco sobre o atual papel do professor, vale mencionar uma colocação de Alda (2012, p. 3), que trata do professor pós-moderno. Atente-se:

O professor pós-moderno deve estar em sincronia com a contemporaneidade, saber utilizar as tecnologias em prol de um ensino mais eficiente e eficaz, trabalhar em parceria com o aluno e, além de tudo isso, ser consciente de que não é o detentor de todo o conhecimento. Hoje, é necessário ensinar nossos alunos a refletir, questionar, raciocinar e compreender a nossa realidade, para que possam contribuir com a sociedade e construir opiniões próprias.

É importante ressaltar também nesse contexto que o computador é um instrumento bastante utilizado para a aprendizagem de línguas. Nesse sentido, são desenvolvidos softwares pensados especificamente com essa finalidade. A respeito disso, faz-se pertinente elucidar as colocações de Leffa (2006, p. 12), que esclarece sobre a aprendizagem de línguas mediada por computador. Veja:

A Aprendizagem de Línguas Mediada por Computador (CALL) é uma área de investigação que tem por objetivo pesquisar o impacto do computador no ensino e aprendizagem de línguas, tanto materna, quanto estrangeiras. CALL é uma sigla já consolidada em língua inglesa, correspondente à Computer Assisted Language Learning.

Ainda se referindo à CALL, Leffa faz uma metáfora para enfatizar a importância do computador no processo de aprendizagem, comparando a necessidade de utilização deste instrumento ao mesmo valor do piano, para Beethoven. Atente-se: “[o computador] não substitui o professor, mas também não pode ser visto dentro de uma escala hierárquica de importância. É como o piano num concerto de Beethoven; imprescindível para que a peça musical seja executada pelo pianista” (LEFFA, 2006, p. 12).

Na verdade, o que todo educador precisa é estar disposto a buscar sempre mais; buscar novos métodos; criar; inovar; pesquisar; e nunca ceder ao comodismo. Professores críticos, reflexivos, que repensam a sua prática buscando favorecer cada vez mais a aprendizagem dos alunos, são professores bem-sucedidos, exatamente pelo fato de não encararem a docência como uma simples transmissão de conhecimento e por não se considerarem os detentores do saber no âmbito da sala de aula. Essa concepção crítico-reflexiva é bastante difundida nos trabalhos científicos realizados acerca de experiências de professores bem-sucedidos, a exemplo do estudo de Santos (2010).

3 CONCLUSÃO

Com o passar dos anos, muitos hábitos, costumes e valores foram modificados devido ao avanço tecnológico e a influência dos novos recursos de comunicação e informação na vida das pessoas. Em consequência disso, a escola, que está inserida na sociedade, também tem seus hábitos modificados.

Considerando toda a reflexão realizada nesse estudo, é notório que a metodologia de ensino e a postura assumida pelo professor mudaram, pois este não ocupa mais o lugar central da sala de aula, uma vez que há uma valorização da interação linguística entre o educador e o aluno, além da inserção das novas tecnologias, as quais exigem técnicas, métodos e uma maneira diferente, inovadora do professor. Portanto, o contexto da sala de aula foi modificado em concomitância e por decorrência da transformação social.

As inovações tecnológicas devem ser vistas como instrumentos que facilitam a transmissão do conhecimento e valorizam a interação professor-aluno. Nesse aspecto, o que deve estar mais evidente para o professor é o objetivo da ação para o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, com que finalidade determinado recurso será utilizado e quais conhecimentos o mesmo proporcionará que sejam repassados aos alunos. A questão do objetivo para o professor deve ser tão esclarecida quanto à concepção de linguagem e a concepção de educação, por exemplo, porque só a partir de um ideal bem definido pode ser alcançada uma meta.

O papel do professor atualmente é incorporar as novas tecnologias para facilitar e mediar à aprendizagem, tornando-a mais dinâmica e atrativa para os alunos, despertar reflexão, senso crítico e viabilizar a interação como via direta para o processo de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. C. G. Mediação e emoção: a arte na aprendizagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 25., Salvador, 2002. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador, 2002. p. 1-15.

ALDA, L. S. **Novas tecnologias, novos alunos, novos professores?** Refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. In: XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA NA (PÓS-) MODERNIDADE, 12., 2012, Pelotas. **Anais do XII Seminário Internacional em Letras**. Pelotas, 2012. p. 1-6.

DEMO, P. Olhar do educador e novas tecnologias. **B. Téc. Senac**: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/372/artigo2.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

FARIA, E. T. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, D. (Org.). **Ser Professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 57-72.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, A. O.; SOUZA, M. J. J. de. A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 12, n. 3, p. 165-175, set./dez, 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDgQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.essentiaeditora.iff.edu.br%2Findex.php%2Fvertices%2Farticle%2Fdownload%2F781%2F616&ei=OQbwUZ-4LZW-4AO_7YGACQ&usg=AFQjCNH6dXctqSexe0-pGfHjPnFvJcNm-A&bvm=bv.49641647,d.dmg>. Acesso em: 18 jul. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, H. S. Brasil possui a 4ª maior população de ‘nativos digitais’ do mundo, diz ONU. **G1 Online, Tecnologia e Games**, São Paulo, 08 out. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/brasil-possui-4-maior-populacao-de-nativos-digitais-do-mundo-diz-onu.html>>. Acesso em: 08 out. 2013.

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V. J. (Org.). **Pesquisa em linguística Aplicada**: temas e métodos. Pelotas: Educat, 2006. p. 11-36.

MORAN, J. M. Perspectivas (virtuais) para a educação. **Mundo Virtual**, Rio de Janeiro, Cadernos Adenauer IV, Fundação Konrad Adenauer, n. 6, p. 31-45, 2004. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/futuro.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 3. ed. Campinas: Papirus, 2007.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORTAL DO MEC. **O que é o ProInfo?** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12840:o-que-e-o-proinfo-&catid=349&Itemid=230>. Acesso em: 11 ago. 2014.

PORTAL DO MEC. **e-ProInfo**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=138:e-proinfo>. Acesso em: 11 ago. 2014.

PORTAL DO MEC. **Perguntas Frequentes**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/perguntas_frequentes_proinfo1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

SANTOS, M. S. **Reflexões e prática de uma professora bem-sucedida**. 2010. 191 f.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais, 2010.

SOUZA, R. **O professor ao longo do tempo**. [s/d]. Disponível em:
<<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-professor-ao-longo-do-tempo.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2013.